

AS F(R)ESTAS¹ DE CARNAVAL: UMA REFLEXÃO SOBRE OS AFETOS DAS MASSAS FOLIÃS EXPRESSADOS NA MÚSICA POPULAR BRASILEIRA

Ana Amélia Silva Carvalho²

Resumo: Partindo da compreensão de que a formação de massas sempre foi identificada como um fenômeno no qual há uma ampliação da afetividade humana, este trabalho tem o intuito de refletir sobre as possibilidades criadas pelos afetos presentes nas festividades carnavalescas. Para tanto, algumas importantes teorias sobre as massas, sobretudo aquela desenvolvida por Elias Canetti em “Massa e Poder”, serão utilizadas como referências para análise das letras de duas famosas canções populares brasileiras: “A cor da esperança”, interpretada por Cartola, e “Sonho de Carnaval”, interpretada por Chico Buarque. Busca-se, com isso, sugerir um caminho diferente daquele que atribui valor negativo à afetividade das massas, em problemática oposição à “racionalidade do indivíduo”. O desenvolvimento do tema não é exaustivo e as conclusões permanecem abertas. Restam as frestas.

Palavras-chave: massa; afetos; carnavais; inversão; fantasia.

Abstract: Based on the understanding that the formation of masses has always been identified as a phenomenon in which there is an expansion of human affection, this work aims to reflect on the possibilities created by the affections present in carnival festivities. To this end, some important theories about the masses, especially those developed by Elias Canetti in “Massa e Poder”, will be used as references for the analysis of the lyrics of two famous Brazilian popular songs: “A cor da esperança”, performed by Cartola, and “Sonho de Carnaval”, performed by Chico Buarque. The aim is to suggest a different path from that which attributes a negative value to the affection of the masses, in problematic opposition to the “rationality of the individual”. The development of the theme is not exhaustive, and the conclusions remain open. There are gaps left.

Keywords: mass; affections; carnivals; inversion; fantasy.

Introdução

Embora muitos autores e autoras, pertencentes a áreas de conhecimento diversas, tenham se debruçado sobre o estudo das “massas”, parece difícil encontrar qualquer consenso quanto à sua definição e às suas características. É possível afirmar, no entanto, que a massa se contrapõe à noção de “indivíduo”, cara à modernidade ocidental. Elias Canetti (1905-1994), por exemplo, no primeiro tópico de “Massa e Poder”, afirma que a massa “deseja libertar-se tão completamente quanto possível do temor individual do contato”, justamente porque “quanto

¹ O trocadilho em questão é utilizado no livro “Carnavais e Outras F(r)estas: Ensaios de História Social e Cultura”, organizado por Maria Clementina Pereira Cunha e publicado pela Editora da Unicamp em 2005.

² Doutoranda em Sociologia e Direito pela Universidade Federal Fluminense - UFF. Mestra em Ética e Filosofia Política pela Universidade Federal de São João Del-Rei - UFSJ. Possui graduação em Direito pela Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF e especialização em Direito Processual Civil e Argumentação Jurídica pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais -PUC/MG. Foi estagiária na Defensoria Pública do Estado de Minas Gerais, no Ministério Público do Estado de Minas Gerais e no Ministério Público do Trabalho. Atuou como assessora jurídica na Fundação CAEd e na Fundação de Apoio e Desenvolvimento do Ensino, Pesquisa e Extensão - FADEPE, ambas fundações de apoio à Universidade Federal de Juiz de Fora. É advogada inscrita na OAB/MG e pesquisadora vinculada ao Grupo de Pesquisa Fenomenologia e Existencialismo da UFJF.

mais energicamente os homens³ se apertarem uns contra os outros, tanto mais seguros eles se sentirão de não se temerem mutuamente” (CANETTI, 2019, p. 12).

Aparentemente, a massa não se contrapõe à noção de indivíduo somente de forma quantitativa, mas também por ser associada à afetividade, à emoção, em oposição à suposta “racionalidade”, característica exaltada nas teorias individualistas, como a cartesiana. Talvez por isso, em muitos casos, o estudo das massas venha acompanhado de uma espécie de preocupação quanto aos efeitos de suas ações no contexto social e político. Max Weber (1864-1920), por exemplo, situado entre os maiores autores da sociologia, afirmou que “o *perigo* da democracia de massa na política nacional está, em primeiro lugar, na possibilidade de uma preponderância considerável de elementos *emocionais* na política” (WEBER, 2014e, p. 292).

Este trabalho, porque parte de uma percepção crítica da exaltação da noção moderna de “racionalidade”, buscará refletir acerca dos carnavais enquanto exemplos de massas festivas que carregam consigo diversos afetos. Em discordância das teorias que trazem a emoção como um elemento “preocupante” no contexto político, este trabalho parte da compreensão de que os afetos possuem um importante potencial de mobilização coletiva e transformação social.

Para tanto, partiremos da reflexão acerca da relação entre as massas e os afetos e mais especificamente sobre a classificação elaborada por Canetti a partir do afeto predominante. Posteriormente, passaremos a pensar os carnavais enquanto massas festivas marcantes no contexto brasileiro e, por fim, duas famosas canções populares no Brasil, escolhidas sobretudo pela relevância dos compositores, terão suas letras analisadas de forma relacionada ao restante do texto.

Nenhum dos tópicos deste trabalho será exaustivo e cada um deles poderia, por si só, render estudos muito mais aprofundados sobre os temas. Contudo, a incompletude deste trabalho é proposital. Seu intuito é *afetar*, provocar o incômodo característico da ausência de respostas e da abertura do texto.

Massas e afetos

A formação de massas é amplamente estudada em diversas áreas, como a sociologia, a ciência política e a psicologia, por exemplo. Ao explicar o objeto de estudo da psicologia de massas, Freud (1856-1939) afirma que ela “trata o ser individual como membro de uma tribo,

³ Sabe-se que a utilização das palavras “homem” e “homens” para designação de todos os seres humanos reflete a presença do machismo na linguagem. Neste trabalho, isso somente acontecerá em citações diretas de outros autores e de outras autoras.

um povo, uma casta, uma classe, uma instituição, ou como parte de uma organização que se organiza como massa em determinado momento, para um certo fim” (FREUD, 2011, p. 11) .

O desafio, nesse sentido, é compreender quais fenômenos surgem a partir da formação de massas. No texto “Psicologia das massas e análise do eu”, originalmente publicado em 1921, Freud se utiliza da ideia de “alma coletiva”, de Gustave Le Bon, antropólogo francês, e das análises realizadas por William McDougall, psicólogo inglês, na obra *“The Group Mind”* (1920).

O intuito deste tópico não é realizar uma descrição pormenorizada da teoria desenvolvida na obra supracitada, mas somente demonstrar que ela traz uma perspectiva sobre os afetos da massa influente até os dias de hoje, não só na psicologia, mas nas demais áreas das ciências humanas e sociais.

Na leitura da obra freudiana, fica nítida, ainda que não abordada de forma explícita, a separação entre razão e afeto, entre civilizado e primitivo. Por diversos momentos do texto colhem-se afirmações do tipo “pelo simples fato de pertencer a uma massa, o homem desce vários degraus na escala da civilização” e “ele [o integrante da massa] então se detém especialmente na diminuição da capacidade intelectual” (LE BON apud FREUD, 2011, p. 18). A mencionada inibição coletiva da capacidade intelectual dos integrantes da massa viria acompanhada da elevação de sua afetividade:

Partimos do fato fundamental de que o indivíduo no interior de uma massa experimenta, por influência dela, uma mudança frequentemente profunda de sua atividade anímica. Sua afetividade é extraordinariamente intensificada, sua capacidade intelectual claramente diminuída, ambos os processos apontando, não há dúvida, para um nivelamento com os outros indivíduos da massa; resultado que só pode ser atingido pela supressão das inibições instintivas próprias de cada indivíduo e pela renúncia às peculiares configurações de suas tendências. (FREUD, 2011, p. 29).

Para Freud, até então, os pesquisadores e as pesquisadoras da psicologia de massas tinham se aprofundado nas consequências da formação dessa espécie de “alma coletiva”, mas não tinham investigado detidamente o “poder” responsável por unir e manter a união da massa. Há um desenvolvimento bastante interessante sobre a afetividade da massa pelo psiquiatra austríaco no decorrer do texto, quando ele se propõe a aplicar o conceito de “libido”.

Com efeito, a definição freudiana de libido é “a energia, tomada como grandeza quantitativa - embora atualmente não mensurável - desses instintos relacionados com tudo aquilo que pode ser abrangido pela palavra ‘amor’”(FREUD, 2011, p. 32). A palavra grega “Eros”, apresentada como a tradução da palavra alemã “*Liebe*” (amor), é para Freud aquilo que “mantém unido tudo o que há no mundo”.

Segundo, que temos a impressão, se o indivíduo abandona sua peculiaridade na massa e permite que os outros o sugestionem, que ele o faz porque existe nele uma necessidade de estar de acordo e não em oposição a eles, talvez, então, “por amor a eles”. (FREUD, 2011, p. 35).

Importante mencionar que, como dito anteriormente, a reflexão desenvolvida em “Psicologia das massas e análise do eu” parte de algumas premissas problemáticas, características da modernidade, como a separação entre razão e afeto e até mesmo a exaltação do indivíduo como capaz de agir de maneira “intelectualmente superior” à coletividade. Sem cravar aqui qualquer posição definitiva quanto ao tema, resta compreender somente que a elevação dos afetos sempre foi associada à formação e à união de massas.

Canetti, em “Massa e Poder”, desenvolve uma classificação das massas segundo o afeto dominante. Para o autor, as massas estão sempre repletas dos mais variados afetos, cujos conteúdos principais “remontam a um passado bem mais distante” (CANETTI, 2019, p. 67). A massa, a partir da qual o ser humano pode libertar-se do temor do contato, é identificada pelo autor por meio de suas quatro características principais: o ímpeto de crescer, a sensação de igualdade, a busca pelo aumento constante de sua densidade e o movimento em direção a algo (CANETTI, 2019, p. 38).

Especificamente no que concerne à classificação segundo o afeto dominante, são apresentados cinco tipos principais: massa de acossamento, massa de fuga, massa de proibição, massa de inversão e massa festiva. As duas primeiras seriam verificadas também no meio animal e as três últimas, para o autor, seriam “especificamente humanas” (CANETTI, 2019, p. 68).

Á título de curiosidade, em resumo, a massa de acossamento surge tendo em vista uma meta, que é matar, sabendo de antemão quem quer matar. A massa de fuga, noutro giro, constitui-se a partir de uma ameaça, entendendo-se que, fugindo juntas, as pessoas podem fugir melhor. Por sua vez, a massa de proibição surge quando “um grupo de muitos não quer mais fazer o que até então faziam como indivíduos” (CANETTI, 2019, p. 79), sendo um exemplo emblemático a greve. A massa festiva e a massa de inversão serão mais bem analisadas no próximo tópico do trabalho.

A massa de inversão e a massa festiva

Na classificação das massas segundo seu afeto dominante, feita por Canetti, as massas de inversão e festiva, assim como a massa de proibição, são apresentadas como “especificamente humanas”. Essa afirmação do autor é curiosa na medida em que, como visto

no tópico anterior, a elevação da afetividade da massa é tida por Freud e pelos autores estudados por ele, no geral, como uma característica que faria dos seus integrantes “primitivos”, num sentido relacionado ao menor uso da razão.

Segundo Canetti, “as revoluções são típicas épocas de inversão”, nas quais “aqueles que por tanto tempo foram indefesos subitamente adquirem dentes” (CANETTI, 2019, p. 83). Nesse contexto, há uma necessidade de romper a estrutura definida, estável, e *inverter* papéis:

Homens aos quais muitas ordens foram dadas, homens que se apresentam repletos de tais agulhões, sentem um poderoso impulso de livrar-se deles. Duas são as maneiras de conseguir essa libertação. Eles podem repassar para baixo as ordens que receberam de cima — e, para isso, é necessário que haja uma camada inferior, pronta a acolher tais ordens. Ou podem, também, pagar na mesma moeda o que tão longamente sofreram e armazenaram daqueles que lhes são superiores. Um indivíduo sozinho, fraco e desamparado como é, apenas raramente terá a sorte de dispor de uma tal oportunidade. Quando, porém, muitos deles reúnem-se numa massa, é possível que consigam o que, isoladamente, lhes fora negado. Juntos, podem voltar-se contra aqueles que, até então, lhes davam as ordens. (CANETTI, 2019, pp. 83/84).

O sucesso da inversão, no entanto, não precisa ser uma garantia concreta para a massa e sua libertação pode, inclusive, ser prometida para “além da vida”. Como afirma Canetti, a massa religiosa pode ser classificada como de inversão quando se promete a ela que “os últimos serão os primeiros”, certificando a libertação de seus agulhões sem, contudo, informar “as circunstâncias exatas dessa libertação” (CANETTI, 2019, p. 85). O problema é que, muitas vezes, a promessa de inversão após a morte vem acompanhada de proibições concretas durante a vida, fazendo com que massas religiosas sejam difíceis de serem classificadas conforme seu afeto dominante.

A massa festiva, noutro giro, é marcada pela união de pessoas sem qualquer ameaça ou nada que enseje a necessidade de fuga. Nela, “proibições e separações estão suspensas” e, ainda, “aproximações deveras incomuns são permitidas e favorecidas” (CANETTI, 2019, p. 89). Além disso, na massa festiva, não existe meta a ser alcançada, *a meta é a própria festa*.

A densidade é bastante grande; a igualdade, por sua vez, é em boa parte aquela do arbítrio e do prazer. As pessoas se movem não com as outras, mas por entre as outras. As coisas que ali jazem aos montes e das quais as pessoas se servem constituem parte essencial da densidade: são o seu cerne. Elas são reunidas primeiro, e somente então é que os homens reúnem-se em torno delas. Anos podem ser necessários até que tudo esteja ali, e as pessoas podem ter suportado uma longa privação em troca dessa breve fartura. Vivem, porém, voltadas para esse momento, e o produzem como uma meta deliberada. Pessoas que em geral raramente se veem são solenemente convidadas em grupos (CANETTI, 2019, p. 89).

A festa enquanto meta não é somente aquela que está acontecendo, mas todas as que ainda acontecerão. Nesse estado, há “um sentimento de que, desfrutando conjuntamente dessa festa, está-se cuidando para que muitas outras ocorram no futuro” (CANETTI, 2019, p. 90). Além disso, é comum que nas festas, por meio de danças rituais e representações dramáticas, sejam recordadas ocasiões festivas anteriores. Percebe-se, portanto, a relação entre as três dimensões da temporalidade: passado, presente e futuro são celebrados pela massa festiva. Para Canetti (2019, p. 90), “as festas *chamam* outras festas e, graças à densidade de coisas e pessoas, a vida se multiplica”.

Os carnavais

Pensar o carnaval como *a* festa, no singular, parece ser um equívoco, na medida em que é possível vislumbrar diferenças na maneira de celebrá-lo a depender da época, do local e das dimensões particulares das sociedades nas quais as celebrações se produzem. Tal incômodo parece ter contribuído para que Maria Clementina Pereira Cunha organizasse a obra “Carnavais e outras F(r)estas: ensaios de história social da cultura”, na qual reuniu textos com o intuito de enfatizar as diferenças mais que as continuidades das festividades carnavalescas ao longo da história.

Através delas [frestas do carnaval], poderá espiar uma rica miríade de práticas, linguagens e costumes, desvendar disputas em torno de seus limites e legitimidade, ou da atribuição de significados, e sentir as tensões latentes sob as formas lúdicas. Apurando o ouvido, será capaz de catar manifestações de dor, revolta, alegria, presentes nos dias de festa como nos dias comuns, e testemunhas reconciliações ou desentendimentos que, para o historiador, têm sempre um gosto único e inconfundível. (CUNHA, 2005, p. 12).

Cada capítulo da obra mencionada disserta acerca de um evento específico, como, por exemplo, O Carnaval de Veneza (Capítulo 1), Um Reinado de Congos na Bahia Setecentista (Capítulo 3), A Imprensa e a Tradição Perdida do Carnaval Porto-alegrense do Fim do Século XIX (Capítulo 6) e Os capoeiras e as Festas Populares na Corte do Rio de Janeiro (Capítulo 8). Tais recortes demonstram a importância de se estudar fenômenos sociais e culturais de maneira interdisciplinar, sobretudo com o auxílio da história, cuja contribuição analítica parece ser fundamental para a completude de qualquer pesquisa.

Uma das críticas apresentadas por Cunha já no início do livro é direcionada ao que a autora chama de “(con)fusão entre festas e identidade nacional”. Nenhum dos autores ou autoras dos textos incluídos na obra em referência, segundo sua organizadora, “apostaria muitas fichas

na *comunitas*, na ‘vocação’ lúdica, ou no brasileiroismo festeiro e irmanador” (CUNHA, 2005, p. 14).

As referências afastadas por Cunha parecem remeter a alguns estudos extremamente influentes na antropologia e na sociologia brasileiras, entre eles, àquele desenvolvido pelo antropólogo Roberto DaMatta no seu famoso livro “Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro”. Na obra, o pensador se propõe a refletir sobre o que chama de “dilema brasileiro”, sem, no entanto, pensar a história de modo linear, com princípio, meio e fim. Segundo consta na introdução do livro, originalmente publicado em 1990, o intuito do autor foi pensar a totalidade brasileira como um drama:

[...] onde o princípio rebate no fim e - na dialética das indecisões, reflexos e paradoxos - o bandido pode perfeitamente ocupar o salão e o bandido (belo nos seus bigodões de fazendeiro de café e já pensando em fundar uma indústria) pode perder a fala e, de anarquista e futurista-canibal, passar a ser como a maioria, revolucionário de praia. (DAMATTA, 1997, p. 15).

Na obra mencionada, DaMatta estuda de forma comparativa três modos básicos de “*ritualizar* no mundo brasileiro”: a parada militar do Dia da Independência, o carnaval e a procissão. Para o que se propõe este texto, por óbvio, o enfoque será dado à forma como o antropólogo pensou as festividades carnavalescas. Somente à título de curiosidade, cabe enfatizar que DaMatta (1997, p. 53) afirma que as três semanas festivas (Carnaval, Semana Santa e “Dia da Pátria”) “sugerem um ‘triângulo ritual brasileiro’ muito significativo, sobretudo nas suas implicações políticas”. Isso porque representam “um ciclo de festividades que vão do povo ao Estado, passando pela Igreja, numa forma organizatória típica de um sistema muito preocupado com o ‘cada qual no seu lugar’” (DAMATTA, 1997, p. 53).

No que concerne à temporalidade do carnaval, DaMatta afirma que, diferentemente do tempo histórico, marcado nas comemorações do Dia da Independência, o tempo do carnaval seria “cósmico, cíclico”, tendo em vista que remete seus participantes para além do próprio contexto brasileiro, em contato com “o mundo sagrado, o divino, o sobrenatural” (DAMATTA, 1997, p. 55).

Noutro giro, uma característica marcante das festividades carnavalescas para DaMatta é o fato de que sua organização não é feita pelos poderes instituídos, mas por setores da sociedade como as escolas de samba e os blocos de rua. Especificamente no que diz respeito às escolas de samba, o antropólogo defende que os desfiles fariam com que a segmentação da sociedade deixasse de ser baseada em classe social, por exemplo, e passasse a se concentrar nas suas preferências por essa ou aquela escola.

DOSSIÊ HISTÓRIA E EMOÇÕES

Chama a atenção, nesses desfiles, a inversão constituída entre o desfilante (um pobre, geralmente negro ou mulato⁴) e a figura que ele representa no desfile (um nobre, um rei, uma figura mitológica) e, ainda, a participação de toda a sociedade inclusiva, seja como juiz, seja como torcedor. (DAMATTA, 1997, p. 58)

A inversão vislumbrada nos desfiles, no entanto, é classificada por DaMatta como “domesticada”, tendo em vista que seria realizada em “momentos programados”, nos quais os ricos seriam vistos como “nobres” e não como “burgueses”, não existindo, portanto, qualquer “sátira”, mas uma “trégua entre dominados e dominantes” (DAMATTA, 1997, p. 59). A fim de contestar o autor, na esteira do que ensinou Cunha no texto supracitado, listam-se aqui apenas alguns exemplos que demonstram o caráter político, de resistência e protesto, vislumbrado nos enredos das escolas de samba brasileiras.

Durante a ditadura ocorrida no Brasil entre os anos de 1964 e 1979, algumas escolas apresentaram enredos extremamente “ousados” e sofreram ações diretas e indiretas de censura pelos órgãos de repressão do regime militar. Os compositores da escola Império Serrano, no carnaval de 1969, criaram o samba-enredo “Heróis da Liberdade”, onde cantavam os seguintes versos:

Ao longe soldados e tambores/ Alunos e professores/ Acompanhados de clarim/Cantavam assim/ Já raiou a liberdade/ A liberdade já raiou/ Essa brisa que a juventude afaga/ Essa chama/ Que o ódio não apaga pelo universo/É a revolução em sua legítima razão.⁵

No mesmo período, o samba composto por Martinho da Vila para a escola Vila Isabel, chamado “Onde o Brasil aprendeu a liberdade”(1972), falava sobre a tribo indígena dos Carajás e, além disso, “apontava a ação predatória das elites na região amazônica, em convivência com os órgãos governamentais” (FARIA, 2019, p. 6).

A partir dos anos 1980, ficou ainda mais evidente o caráter politizado dos desfiles de carnaval: “o que se sobressaía era a dimensão satírica, crítica e festiva, ao mesmo tempo que também provocava reflexões” (FARIA, 2019, p. 12). Nesse contexto, Martinho da Vila compôs o enredo “O sonho de um sonho”, falando sobre liberdade, tortura e relações de poder

⁴ O uso do termo “mulato” é extremamente problemático e reflete uma sociedade fundada sobre o racismo. Como explica Da Silva: “Os movimentos negros brasileiros refutam a utilização da palavra por dois motivos: 1) linguístico – derivação de ‘*mulus*’, do latim, atualizado por ‘mula’, o animal que surge da cópula de duas raças diferentes – o asno e a égua, que, no século XVI, derivou-se na América hispânica para ‘mulato’ como uma analogia ao caráter híbrido do animal, considerado uma raça inferior já que não possui a possibilidade da reprodução; e 2) cultural – a falsa impressão de democracia racial que há no país, associado à representação da mulher negra ou mestiça através do corpo branqueado e hiperssexualizado.” (DA SILVA, 2018, p. 77).

⁵ Letra retirada no texto “Unidos pela Democracia: as Escolas de Samba do Rio de Janeiro e os enredos políticos na década de 1980”, de Guilherme José Motta Faria.

autoritárias. Na mesma linha, o enredo da Mocidade Independente de Padre Miguel, chamado “Tropicália Maravilha” (1980), trazia a palavra “anistia” destacada em alegoria específica e o enredo do Salgueiro, denominado “Traços e Troças” (1983), apresentava em tom de ironia a ação de censura (FARIA, 2019, p. 10).

Em 1989, a escola Beija-Flor de Nilópolis foi proibida pela Justiça de representar o Cristo Redentor em situação de rua, alegoria que pretendia ser crítica à crise econômica e política do Brasil. Em reação à proibição judicial, a escola desfilou com o Cristo coberto com um pano preto, onde se lia a mensagem “Mesmo proibido, olhai por nós” (PAIVA, 2018).

No ano de 2022, em São Paulo, alguns exemplos de enredos foram emblemáticos. A escola O Colorado do Brás contou no desfile a história de Carolina Maria de Jesus, autora do livro “Quarto de Despejo”, originalmente publicado em 1960, o diário de uma “favelada” que escancarou as mazelas sociais marcantes da sociedade brasileira. Já a escola Gaviões da Fiel levou à avenida o samba-enredo “Basta!”, o qual tinha como objetivo denunciar os “poderosos”, entre eles, senhores de engenho que se enriqueceram às custas do trabalho de pessoas escravizadas.

Tais exemplos, apesar de ocuparem um grande espaço neste tópico, são poucos se comparados aos diversos momentos em que as festividades carnavalescas, organizadas em desfile ou surgidas espontaneamente nas ruas, demonstraram seu conteúdo de resistência e subversão política ao longo da história. Ainda que determinada reunião carnavalesca possa ser marcada pela sensação de igualdade, propriedade atribuída a toda e qualquer massa por Canetti (2019, p. 38), parece ser correta a hipótese de inexistência de uma massa uniforme formada no carnaval, mas, ao contrário, múltiplas massas, com características e direções distintas e demasiadamente complexas.

Os afetos predominantes nas massas foliãs, dessa forma, precisam ser analisados com cautela e, de preferência, caso a caso. Neste trabalho, o intuito é o de refletir sobre o tema de forma especificamente amparada em duas famosas músicas da cultura popular brasileiras, como se verá nos próximos tópicos.

A Cor da Esperança

Sinto vibrando no ar
E sei que não é vã
A cor da esperança
A esperança no amanhã

Amanhã
A tristeza vai transformar-se em alegria

DOSSIÊ HISTÓRIA E EMOÇÕES

E o sol vai brilhar no céu de um novo dia
Vamos sair pelas ruas, pelas ruas da cidade
Peito aberto, cara ao sol da felicidade

E no canto de amor assim
Sempre vão surgir em mim
Novas fantasias⁶

Em 1979⁷, no seu quarto e último álbum, chamado “Cartola 70 anos”, Angenor de Oliveira, mais conhecido como Cartola, cantor e compositor carioca nascido em 1908, lançou a música “A cor da esperança”. A letra do samba foi escrita em parceria com Roberto Nascimento e é amplamente relacionada às comemorações de carnaval.

A canção é composta de basicamente três estrofes, como visto acima. A letra não menciona a palavra “carnaval” em nenhum momento, deixando aberta para o interlocutor a interpretação acerca do evento que desencadeará esse “amanhã” de “alegria” no qual se deve depositar a “esperança”.

O trecho “vamos sair pelas ruas”, cujo sujeito é colocado na primeira pessoa do plural, traz um tom de coletividade para o evento que se *espera*. É possível, então, vislumbrar uma *massa* em movimento, em direção a algo. Embora a esperança, a alegria e a felicidade sejam os afetos mencionados no início da canção, na última estrofe os autores qualificam-na como “canto de amor”, talvez numa acepção tão ampla como aquela utilizada por Freud ao falar da libido como o que “mantém unido tudo o que há no mundo” (FREUD, 2011, p. 35).

A promessa de *inversão*, de transformação da tristeza em alegria, é direcionada ao “amanhã”, contudo, a cor da esperança já pode ser sentida, de forma aparentemente sinestésica, “vibrando” no ar. Nesta toada, merece destaque aquilo que Canetti (2019, p. 42) chama de “massa rítmica” ou “palpitante”, marcada pelo uso dos sons pelos integrantes da massa como forma de substituir “pela intensidade o que lhes falta em número”.

Onde muitos caminham, outros caminham com eles. Os passos que, em rápida repetição, se juntam a outros passos simulam um número maior de homens. Se pisam com maior força, soam como se fossem mais. Exercem sobre todos os que estão próximos uma força de atração que não cede enquanto não param de dançar. Qualquer ser vivente que possa ouvi-los juntar-se-á a eles, e com eles permanecerá reunido. O natural seria que cada vez mais pessoas se juntassem aos que dançam. (CANETTI, 2019, p. 42).

⁶ CARTOLA. A cor da esperança. Cartola 70 anos. Gravadora RCA Victor, 1979.

⁷ Cabe mencionar que este foi o ano seguinte à revogação do AI-5 e o mesmo ano de promulgação da Lei da Anistia, eventos marcantes no início da redemocratização do Brasil após mais de uma década de ditadura.

O som, ou o “barulho”, parece ser um importante elemento para a massa justamente porque “promete o fortalecimento pelo qual se espera, constituindo ainda um feliz presságio dos feitos que estão por vir” (CANETTI, 2019, p. 20). Nesse sentido, mostra-se interessante o fato de “a cor da esperança”, a princípio, não ser *vista*, mas *sentida* por meio da *vibração* do ar, que é exatamente a forma de propagação de sons.

Por fim, faz-se necessário destacar que a música vislumbra o surgimento de *novas fantasias* a partir do “canto de amor”. O uso do termo “fantasia” é o elemento mais diretamente ligado ao carnaval, mas que, no entanto, possui um significado muito mais amplo na linguagem. O dicionário *Michaelis*, por exemplo, traz quatorze significados para a palavra, entre eles, destacam-se:

2 Obra criada ou produto da imaginação.

3 Coisa que não tem existência real, mas apenas ideal ou ficcional; folclore.

(...)

6 Traje fantasioso que reproduz vestimentas de palhaços, de figuras de outras épocas ou culturas, de personagens históricas, mitológicas ou lendárias, bem como modelos estilizados que representam objetos, ideias etc., usado em encenações, rituais, festividades várias e, principalmente, no carnaval.

(...)

13 Representação imaginária, de caráter mais ou menos criativo, desencadeada às vezes de forma súbita, cujo conteúdo coloca em evidência, de maneira modificada e reelaborada, simbólica ou como lembranças vagas, ideias, objetos, fatos ou situações, em especial da vida infantil, carregadas de significação emocional.

Não ficam evidenciadas na canção os tipos de fantasias por ela desencadeadas, somente é possível saber que são “novas”, num contexto de inversão entre tristeza e alegria e de ocupação das ruas por um sujeito determinado: “nós”. Com efeito, pensando nas massas foliãs, tais fantasias podem estar relacionadas às encenações e rituais (item 6), como podem representar uma obra criada (item 2) a partir de um ideal (item 3). No segundo caso, a exaltação da criatividade humana e da imaginação pode levar à compreensão também da promessa de transformação daquilo que *ainda* “não tem existência real”. Essa transformação, na canção, não vem expressamente acompanhada de luta ou de dor, mas de “peito aberto” e “cara ao sol da felicidade”, permanecendo a dúvida quanto ao afeto dominante na massa descrita.

Sonho de Carnaval

Carnaval, desengano
Deixei a dor em casa me esperando
E brinquei e gritei e fui vestido de rei
Quarta-feira sempre desce o pano

Carnaval, desengano

DOSSIÊ HISTÓRIA E EMOÇÕES

Essa morena me deixou sonhando
Mão na mão, pé no chão e hoje nem lembra, não
Quarta-feira sempre desce o pano

Era uma canção, um só cordão e uma vontade
De tomar a mão de cada irmão pela cidade

No Carnaval, esperança
Que gente longe viva na lembrança
Que gente triste possa entrar na dança
Que gente grande saiba ser criança

No Carnaval, esperança
Que gente longe viva na lembrança
Que gente triste possa entrar na dança
Que gente grande saiba ser criança⁸

Na canção “Sonho de Carnaval”, de 1966, Chico Buarque tematiza a folia de forma mais explícita do que Cartola o faz em “A cor da esperança”. O autor é um dos compositores brasileiros que mais se debruçou sobre a temática, “talvez porque o carnaval, rito de passagem que é, seja exemplar para expressar a fugacidade do tempo, o caráter mutante e libertário da permanente transformação” (GÓES, 2008, p. 49).

Dentre as diversas músicas que traduzem a poética carnavalesca de Chico Buarque como “Quem te viu, quem te vê”, “Vai passar”, “A Televisão” e “O Rei de Ramos”, por exemplo, “Sonho de Carnaval”, objeto deste tópico, se destaca como uma canção que não relaciona o carnaval necessariamente à alegria e à felicidade. Pelo menos nas primeiras duas estrofes fica evidenciada a finitude da festa, marcada pela percepção de que na “quarta-feira sempre desce o pano”.

A primeira estrofe da letra parece corroborar com a problemática visão de DaMatta no sentido de que a inversão ocorrida no carnaval - “e brinquei e gritei e fui vestido de rei” - seria de alguma forma “programada”, encerrando-se assim que a festa acaba - “quarta-feira sempre desce o pano”. O verso em referência parece remeter ao teatro, ao palco, à fantasia enquanto rito temporário, incapaz de transformar a realidade, de modificar a “dor” que permanece em casa “esperando”.

Noutro giro, há uma notória transição na música a partir da qual a palavra “desengano”, antes colocada em seguida da palavra “carnaval”, é substituída por “esperança”. A mudança acontece após uma estrofe mais curta que as outras, com apenas dois versos e não quatro, onde se lê: “Era uma canção, um só cordão e uma vontade/De tomar a mão de cada irmão pela cidade”. A vontade, compartilhada, de se reunir a outras pessoas remete às características da

⁸ BUARQUE, Chico. Sonho de Carnaval. Chico Buarque de Hollanda. Gravadora RGE, 1966.

massa trazidas por Canetti, sobretudo o sentimento de igualdade e a busca pelo crescimento e por uma maior densidade.

1) *A massa quer crescer sempre*. Fronteira alguma impõe-se naturalmente ao seu crescimento. Onde quer que tais fronteiras sejam criadas artificialmente — ou seja, em todas as instituições empregadas para a preservação de massas fechadas —, sua erupção é sempre possível e, de fato, se dá de tempos em tempos. Inexistem expedientes absolutamente seguros que possam impedir em definitivo o crescimento da massa.

2) *No interior da massa reina a igualdade*. Absoluta e indiscutível, tal igualdade jamais é questionada pela própria massa. Ela é de tão fundamental importância que se poderia definir o estado da massa como um estado de igualdade absoluta. Uma cabeça é uma cabeça; um braço é um braço — as diferenças não importam. É por causa dessa igualdade que as pessoas se transformam em massa. O que quer que possa desviá-las desse propósito é ignorado. Toda demanda por justiça, todas as teorias igualitárias retiram sua energia dessa experiência da igualdade que todos, cada um a seu modo, conhecem a partir da massa.

3) *A massa ama a densidade*. Ela nunca é densa o bastante. Nada deve obstruí-la, nada deve interpor-se: tanto quanto possível, tudo deve ser a própria massa. O sentimento da densidade maior, ela o tem no momento da descarga. Um dia será possível definir e medir com maior exatidão essa densidade. (CANETTI, 2019, 38).

O “desengano”, nesse momento, deixa de ser mencionado na música, que passa a ressaltar a “esperança” enquanto afeto observado no carnaval. A partir de então, nas duas últimas estrofes da letra, a quarta-feira, símbolo do fim do carnaval, deixa de ser anunciada. Mais uma vez, não é possível definir de antemão o afeto predominante na massa carnavalesca trazida na música, tendo em vista que a esperança narrada não parece significar a promessa de uma inversão concreta, ao mesmo tempo em que não parece remeter para “além da vida”, como nas massas religiosas. Assim como na música de Cartola, a esperança, supostamente, é gerada por uma fantasia no presente, e portanto irreal, cujos impactos na transformação da realidade futura permanecem inexplorados.

Considerações finais

Pensar a diversidade dos afetos das massas carnavalescas expressados na música popular brasileira foi a maneira escolhida para abordar as possibilidades encontradas a partir da formação das massas. A reunião de pessoas que enxergam na ação das outras a sua própria ação (igualdade) movimentando-se em uma direção comum não parece algo essencialmente negativo. Pelo contrário, se partirmos da “constatação de que sociedades são, em seu nível mais fundamental, circuitos de afetos” (SAFATLE, 2020, p. 15), parece ser inócua qualquer tentativa de estudar os fenômenos sociais que ignore a importância dos afetos na sua dinâmica.

O período do Carnaval foi e permanece sendo marcado, especialmente no Brasil, por grande diversidade de massas festivas, caracterizadas pela “descontração”. A finitude anunciada dessas festividades parece reafirmar uma das marcas desse tipo de massa para Canetti, o fato de que “a própria *festa* é sua meta, e está já se atingiu” (CANETTI, 2019, p. 89). Os exemplos trazidos ao longo do trabalho, no entanto, parecem indicar a existência de uma espécie de mobilização de afetos nas massas foliãs, sobretudo a partir da “esperança” de transformação, da “esperança” nos mais diversos tipos de *inversões* .

As potencialidades dos afetos das massas foliãs permanecem aqui inexploradas. Percebem-se frestas (*fenestran* ⁹, no latim, traduzido por “janela”), espaços de abertura que permitem a reflexão. O que é capaz de atravessar tais frestas, aquilo que é possível enxergar através delas e a possibilidade de que sejam ampliadas ao ponto de provocarem a queda de muros inteiros: esses são temas sobre os quais somos instigados e instigados a pensar.

Referências

- BUARQUE, Chico. **Sonho de Carnaval**. Chico Buarque de Hollanda. Gravadora RGE, 1966.
- CANETTI, Elias. **Massa e Poder**. Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Companhia de Bolso, 2019.
- CARTOLA. **A cor da esperança**. Cartola 70 anos. Gravadora RCA Victor, 1979.
- CUNHA, Maria Clementina Pereira (Org.). **Carnavais e Outras F(r)estas: Ensaio de História Social da Cultura**. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2005.
- DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- DA SILVA, Liliam Ramos. **Não me chame de mulata: uma reflexão sobre a tradução em literatura afrodescendente no Brasil no par de línguas espanhol-português**. Trab. Ling. Aplic., Campinas, n(57.1): 71-88, jan./abr. 2018.
- FARIA, Guilherme José Motta. **Unidos pela Democracia: as Escolas de Samba do Rio de Janeiro e os enredos políticos na década de 1980**. Anais do 2º Encontro Internacional História & Parcerias, 2019.
- FREUD, Sigmund. **Psicologia das massas e análise do eu e outros textos [1920-1923]**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- MICHAELIS, Henriette, **Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa**. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/fantasia>>. Acesso em 29 de ago de 2022. S.v.FANTASIA.
- _____. **Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa**. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/palavra/G8O3/fresta/>>. Acesso em 05 de set de 2022. S.v. FRESTA.
- GÓES, Fred. **A poética carnavalesca de Chico Buarque de Hollanda**. Revista INTERFACES - Número 11/2008 - Centro de Letras e Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- MCDUGALL, William. **The Group Mind**. London. Cambridge University Press. (1920)1927.

⁹ Etimologia encontrada no dicionário Michaelis.

PAIVA, Vitor. **Os 10 momentos mais politizados da história dos desfiles das escolas de samba do Rio.** Disponível em <<https://www.hypeness.com.br/2018/02/os-10-momentos-mais-politizados-da-historia-dos-desfiles-de-escolas-de-samba-do-rio/>> . Acesso em 29 de ago. de 2022.

PORTO, Douglas. **Conheça os enredos das escolas de samba de SP e prepare-se para o Carnaval.** Disponível em < <https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/conheca-os-enredos-das-escolas-de-samba-de-sp-e-prepare-se-para-o-carnaval>>. Aceso em 29 de ago. de 2022.

RODRIGUES, Denise dos Santos. **Carnaval, a massa entre a communitas e a estrutura.** Revista Contemporânea, nº 5, 2005.2.

SAFATLE, Vladmir. **O circuito dos afetos: Corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo.** 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

WEBER, Max. **Parlamento e governo na Alemanha reorganizada.** In: LASSMAN, Peter; SPEIRS, Ronald (Eds.) Escritos Políticos. Tradução: Régis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. São Paulo: Martins Fontes. 2014e. pp.167-342.